



# A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS





# A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS

2ª Edição

 EDITORA  
RIDEEL

## EXPEDIENTE

PRESIDENTE E EDITOR	Italo Amadio
DIRETORA EDITORIAL	Katia F. Amadio
ASSISTENTE EDITORIAL	Edna Emiko Nomura
ADAPTAÇÃO	Margareth Fiorini
ILUSTRAÇÕES DE CAPA	Susy Braz Reijado
REVISÃO	Tiago Sliachticas
NOTAS DE RODAPÉ	Mônica Hamada
ROTEIRO DE LEITURA	Ana Tereza Pinto de Oliveira
EDIÇÃO DE ARTE	Hulda Melo
DIAGRAMAÇÃO	Denilson dos Santos
PRODUÇÃO GRÁFICA	Hélio Ramos
IMPRESSÃO	Leograf Gráfica e Editora Ltda.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FIORINI, MARGARETH

COLEÇÃO JULIO VERNE / JULIO VERNE ; ADAPTAÇÃO MARGARETH FIORINI. – 2. ED. – SÃO PAULO: RIDEEL, 2009.

CONTEÚDO: A ILHA MISTERIOSA – A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS – CAPITÃO HATTERAS – NORTE CONTRA O SUL – OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT – TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES – UM CAPITÃO DE QUINZE ANOS – VIAGEM AO REDOR DA LUA – VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

1. LITERATURA INFANTO-JUVENIL 2. VERNE, JULES, 1828-1905 I. TÍTULO.

09-01444  
028.5

CDD-

ISBN: 978-85-339-1169-7

© Copyright - Todos os direitos reservados à



Av, Casa Verde, 455  
Santa Terezinha - São Paulo - SP  
CEP 02519-000  
www.rideel.com.br  
e-mail: sac@rideel.com.br



Proibida qualquer reprodução, seja mecânica  
ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia  
permissão por escrito do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2  
0 4 0 9

## *Prefácio*

Precursor da ficção-científica, Júlio Verne revela sua importância pela maneira como compreendeu o mundo em que vivia, a ponto de antever várias das descobertas científicas que se concretizariam somente no século XX, como o submarino ou a viagem à lua.

Suas aventuras entretêm adolescentes de todo o mundo há gerações, levando seus leitores à viagens espetaculares.

Seu realismo advém de sua estrutura baseada sobre seu conhecimento científico e sobre sua habilidade em construir personagens singulares.

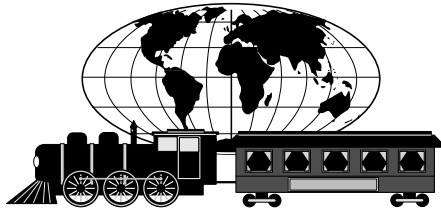
Ler Júlio Verne é vislumbrar a perplexidade do homem do século XIX diante do mundo que se descortinava à sua frente, é viver a emoção das novas descobertas na companhia de homens intrépidos numa nova expedição rumo ao desconhecido, é, finalmente, conhecer todos os recônditos da Terra.

Esta coleção traz as obras deste notável autor com texto adaptado de forma a agilizar a leitura sem prejudicar o desenvolvimento de suas narrativas.

Ao rodapé das páginas foi incluído um glossário em que também constam fatos históricos e coordenadas geográficas para facilitar a compreensão dos textos e sua localização espaço-temporal.

Além disso, um Roteiro de Leitura que, preenchido, resultará num pequeno resumo da obra.

Esperamos, desta forma, resgatar a obra deste autor, difundindo-o entre todos os brasileiros.



*P*hileas Fogg era um britânico no mais amplo sentido da palavra. Se você imagina que um “britânico” seja um homem metódico<sup>1</sup>, reservado, pontual, cavalheiro, honrado, este homem era Phileas Fogg.

Morava na Ladeira Saville e era membro do Reform Club, de Londres. Fisicamente, assemelhava-se a Byron<sup>2</sup>, mas só nos traços faciais. Usava bigodes e suíças, à moda naquela época. Sua discrição era tamanha, que havia a maior curiosidade em torno de sua pessoa. Nunca o tinham visto na Bolsa, nem no banco, nem nos templos ou tribunais. Não era, igualmente, industrial, comerciante ou agricultor. Não pertencia a nenhum instituto britânico. Apenas ao Reform Club, onde foi admitido por proposta dos Irmãos Baring, em cujo estabelecimento gozava<sup>3</sup> de considerável crédito.

Era um homem silencioso, que não tinha mulher, nem filhos, parentes ou amigos. Vivia da casa para o clube e do clube para casa. Passava dez horas em casa, dormindo e cuidando da higiene pessoal. E as outras restantes, no clube, onde fazia suculentas refeições, jogava uíste<sup>4</sup> e lia livros e jornais.

<sup>1</sup> **Metódico:** que tem método, maneira de proceder; circunspecto, cuidadoso.

<sup>2</sup> **Byron (1788-1824):** grande poeta romântico da literatura inglesa, autor dos romances em verso *O Corsário* e *Lara*.

<sup>3</sup> **Gozar:** desfrutar; usar das vantagens.

<sup>4</sup> **Uíste:** jogo de cartas, considerado o ancestral do bridge, para duas duplas de jogadores, cabendo 13 cartas para cada um. O trunfo é a última carta distribuída, e o objetivo é ganhar várias.



De modo que o trabalho doméstico que dava ao criado era o mínimo: 8:00h — despertar; 8:23h — chá e torradas; 9:37h — água para a barba; 9:40h — penteado; 11:30h — saída para o Reform Club; e 24:00h — retorno do clube para repouso.

No dia 2 de outubro de 1872, o Sr. Fogg aguardava a vinda de um novo criado, que deveria chegar entre 11:20 e 11:30h. Despedira o atual, James Foster, por ter o rapaz levado água para a barba a 28°C e não a 27°C, como de hábito. Quando o rapaz chegou, James Foster apresentou-o e se despediu, saindo.

— Sou Jean Passepartout. Meu sobrenome em francês significa “que passo por tudo”, ou seja, saio de qualquer situação, por mais enrascada que seja. Tive inúmeros empregos, mas sou honesto, senhor. Fui cantor ambulante, acrobata de circo, voador como líotard e dancei na corda bamba; trabalhei como professor de ginástica e bombeiro. Mas saí da França há cinco anos e vim para a Inglaterra à procura de uma vida calma, como criado.

Phileas Fogg admitiu-o e saiu para o Reform Club, colocando o chapéu e andando como um robô. Passepartout, um pouco atordoado com a personalidade de seu novo patrão, achou-o “mais morto” que as figuras do museu de cera. Contudo, tinha um aspecto nobre e simpático. Era alto e parecia possuir o que costumam chamar de “repouso na ação”, ou seja, a qualidade dos que mais agem do que falam. Calmo, fleumático<sup>5</sup>, tinha o olhar límpido e firme.

Fogg era um sujeito matematicamente exato, que nunca gastava tempo com movimentos inúteis. Não desperdiçava um gesto. Até o isolamento que cultiva-

<sup>5</sup> Fleumático: impassível.

va era para evitar perda de tempo com atritos, tão comuns nas relações sociais.



Quanto a Passepartout, depois de levar uma juventude tumultuada, buscava encontrar um patrão a quem pudesse se dedicar, uma vida calma e segura. Nos cinco anos que estava na Inglaterra, só encontrara patrões aventureiros, viajantes, que não se fixam em lugar algum. Quando soubera do comportamento do Sr. Fogg, metódico e regular, e de sua necessidade de um criado, acreditara ter tirado a sorte grande.

Phileas Fogg chegou ao Reform Club, depois de contar 575 passos. Dirigiu-se à sala de jantar, à mesa de sempre. Escolheu o prato e após servir-se, às 12:47h, levantou-se e foi ao salão ler o Times<sup>6</sup> até 15:45h. Depois, entreteve-se com o Standard<sup>7</sup> até o jantar.

À noite, Fogg reuniu-se com outros jogadores de uíste: Andrew Stuart, um engenheiro; dois banqueiros, John Sullivan e Samuel Fallentin; o cervejeiro Thomas Flanagan; e Gauthier Ralph, do Banco da Inglaterra. Todos eles donos de imensas fortunas.

Naquele dia, o grupo conversava sobre o furto de £55.000,00<sup>8</sup> em notas bancárias. Os jornais só falavam naquilo, porque era coisa que nunca ocorria. O dinheiro sumira por encanto, no dia 29 de setembro, do Banco da Inglaterra. É preciso que se diga que esse banco tem a maior preocupação com seus clientes, não admitindo guardas, nem porteiros, nem grades. Assim, o ouro, a prata, as notas — tudo está exposto e ao alcance de quem chegar. Não se admitiam suspeitas com os clientes! Houve um dia em que um cliente teve a curio-

<sup>6</sup> Times: jornal diário inglês.

<sup>7</sup> Standard: jornal diário inglês.

<sup>8</sup> £: libra, moeda inglesa.



sidade de observar um lingote de ouro e o passou ao vizinho; assim sucessivamente, o lingote correu a fila e voltou meia hora depois. No entanto, no dia 29 de setembro, as coisas não se passaram exatamente assim: o maço de notas não voltou...

Assim, os mais hábeis agentes da Scotland Yard<sup>9</sup> foram enviados aos principais portos, como Glasgow, Havre, Suez, Nova Iorque, a fim de apanhar o gatuno. A recompensa era de £ 2.000,00 e cinco por cento do valor recuperado.

Os jornais falavam que se tratava de um *gentleman*<sup>10</sup> e sobre isso o grupo conversava, animadamente, enquanto jogava uíste. Quando falaram sobre uma possível fuga, Fogg falou que o mundo não era tão grande quanto seus adversários pensavam. Gauthier Ralph concordava com Fogg:

— O mundo encolheu. Hoje podemos dar a volta por ele em três meses...

— Oitenta dias — corrigiu Phileas Fogg.

— Oitenta dias?!?! — desdenhou Stuart. — E o mau tempo, os ventos, os naufrágios?

— Tudo incluído — disse Fogg, a jogar calma-mente.

Foi assim que Fogg se viu numa aposta com seus adversários. Eles apostavam £ 20.000,00 contra a ideia de que fosse possível dar a volta ao mundo em 80 dias, segundo Fogg, apesar dos imprevistos e acidentes.

— Bom. Há um trem de Dover que parte às 20:45h. Vou pegá-lo — disse.

<sup>9</sup> Scotland Yard:  
Departamento  
de Investigação  
Criminal da Polícia  
Metropolitana de  
Londres.

<sup>10</sup> Gentleman:  
cavalheiro.

— Esta noite? — estranharam os amigos.

— Sim. Parto hoje, 2 de outubro, e retorno 21 de dezembro, aqui, às 20:45h.



Eram 19:00h quando Fogg proferiu essas palavras. Os amigos propuseram parar o jogo para que ele se arrumasse para a viagem, mas ele recusou, dizendo:

— Estou sempre pronto! Jogue, Sr. Stuart.

Às sete e vinte e cinco, Fogg chegou a casa. Comunicou Passepartout sobre a viagem; o criado quase desmaiou, mas se conteve.

“Volta ao mundo em 80 dias?”, pensou ele. “Será louco? E eu que pensei ter encontrado, finalmente, uma vida calma...”

Arrumaram poucos objetos, pegaram seus casacos e saíram. Fogg achou melhor comprar o vestuário durante a viagem, conforme as necessidades. Deu a Passepartout a quantia de vinte mil libras, em notas bancárias, e pediu que ele tomasse muito cuidado.

A caminho da estação, Fogg atendeu o pedido de esmola a uma mendiga, dando-lhe o que ganhara no jogo naquela noite. Jamais ficava com um níquel do dinheiro ganho em jogo. O criado ficou emocionado com aquela atitude. Começava a gostar daquele patrão, aparentemente tão frio.

Quando Passepartout foi comprar passagens para o trem de Paris, Fogg pôde avistar os cinco companheiros de uíste do Reform Club.

— Os vistos em meu passaporte comprovarão meu itinerário, senhores.



— Ora, Fogg. Basta-nos sua palavra de *gentleman*  
— disse Ralph.

— Então — despediu-se ele — até 21 de dezembro, às 20:45h.

Fogg, ao sair de Londres rumo a Paris, naquela noite, nem de longe poderia supor que a aposta que fizera com os colegas do clube iria se transformar em assunto da maior importância entre os ingleses. Os jornais de todos os países só falavam naquilo: uns assumiam posição a favor; outros, contra. Na verdade, Fogg se transformou no centro das apostas dos ingleses e tomou valor como ação na Bolsa de Londres.

Só que, no dia 9 de outubro, as ações despencaram de preço, quando chegou um telegrama de Suez, pedindo que a Scotland Yard enviasse mandado de captura a Bombaim, para um detetive de nome Fix, que seguia Fogg, em sua suposta fuga com o dinheiro roubado do Banco da Inglaterra!

Pobre Fogg! De herói nacional foi transformado em suposto ladrão do banco, tentando fugir da polícia sob o pretexto de uma aposta espetacular.

O detetive Fix aguardava a chegada de Fogg no navio “Mongólia”, em Suez. O navio procedia<sup>11</sup> de Brindisi e seguiria a Bombaim, onde ele esperava receber o mandado de captura e levar Fogg de volta à Inglaterra.

Fix tentou convencer o cônsul<sup>12</sup> inglês em Suez de que se tratava de um ladrão; mas o homem tinha dúvidas. Aconselhou Fix a ter cautela, pois, se o ladrão tinha traços de cavalheiro, o detetive poderia

<sup>11</sup> Proceder: ter origem; derivar.

<sup>12</sup> Cônsul: agente oficial de uma nação, em território estrangeiro, encarregado de proteger os súditos desta nação e de fomentar o comércio de seu país.



ter escolhido o suspeito errado e, assim, se meteria em grande encrenca. Fix nem considerou a opinião do cônsul e, quando o navio chegou, aguardou ansiosamente a apresentação do passaporte de Fogg, que ocorreu por meio de Passepartout.

O detetive fez o criado chamar o patrão, alegando formalidades legais.

Contrariado, Fogg apresentou-se e obteve o visto do cônsul, sem problemas. Ao voltar ao navio, Fogg deu ordens ao criado para ir à cidade. No camarote<sup>13</sup>, Fogg lançou em seu livreto<sup>14</sup> de viagens a chegada a Suez. Lá estavam anotados os seus destinos: Paris, Brindisi, Suez, Bombaim, Calcutá, Hong Kong, Iokoma, São Francisco, Nova Iorque e Londres. Ele anotava religiosamente dias e horários de chegadas, fazendo os cálculos para assegurar-se do êxito do empreendimento<sup>15</sup>. Até Suez, tudo correria dentro do previsto.

Fix, no pouco contato que teve com Passepartout, sentiu que por ele conseguiria informações de Fogg. Para isso, cercou-o na cidade e procurou conversar, fingindo camaradagem.

Soube por Passepartout que eles vinham numa corrida louca de Londres a Dover, de Calais a Paris e, finalmente, de Brindisi a Suez! Como o detetive se mostrou gentil em ajudá-lo nas compras, o criado de Fogg não parou de tagarelar<sup>16</sup> o tempo todo e come-teu muitas indiscrições, falando do patrão:

— Vamos dar a volta ao mundo em 80 dias... Cá entre nós, não acredito... Aí tem coisa — confidenciou

<sup>13</sup> Camarote: compartimento do navio para alojamento de oficiais e passageiros.

<sup>14</sup> Livreto: caderneta.

<sup>15</sup> Empreendimento: projeto.

<sup>16</sup> Tagarelar: falar muito.



o criado. E o pior, citou a enorme quantia de dinheiro que levavam.

Tudo levava Fix a crer que estava na trilha certa. Os dois haviam deixado Londres às pressas; corriam pelo mundo, com dinheiro e sem bagagens, em nome de uma aposta maluca.

Quando Passepartout pediu licença para uma volta pela cidade, Fix tranquilizou-o de que o “Mongólia” ainda se demoraria em Suez e que era apenas meio-dia...

— Meio-dia?... São 9:52h em meu relógio — disse o criado de Fogg.

— Está atrasado. Essa é a hora de Londres. Você tem de acertá-lo a cada meridiano<sup>17</sup>... — instruiu-o o detetive.

— Mexer num relógio de família? Nunca — protestou Passepartout.

— Então, ele não regulará pelo Sol.

— Pior para o Sol — disse o criado, obstinado<sup>18</sup>, afastando-se.

Fix soubera que Passepartout entrara a serviço de Fogg no dia do embarque, não conhecendo nada sobre a vida do patrão. Passepartout só sabia que Fogg vivia só, sem família, em Londres e que era muito rico; de sua fortuna, porém, ninguém conhecia as origens.

O detetive não tinha mais dúvidas, quando embarcou no “Mongólia”, a caminho de Bombaim. Lá esperava receber o mandado para prender Phileas Fogg.

<sup>17</sup> Meridiano: qualquer dos círculos máximos da esfera terrestre que passam pelos pólos. O meridiano de Greenwich é adotado como meridiano zero: a partir dele se contam as horas no mundo.

<sup>18</sup> Obstinado: teimoso; relutante.



A viagem corria bem, sem problemas. O “Mongólia” era um navio excelente. Entre os passageiros, havia funcionários ingleses, a serviço na Índia, comerciantes e mulheres da alta sociedade. Havia muita fatura em alimentos e música a bordo, às vezes, até bailes. E onde estaria Phileas Fogg? Ansioso, contando os minutos? Não, nada disso. Se estava preocupado, nosso *gentleman* não deixava transparecer, nem mesmo subia à proa. Ficava o dia inteiro jogando uíste, com parceiros que conhecera no navio, sem se preocupar sequer em ver os caminhos de sua grandiosa viagem.

Passepartout reencontrou Fix no navio, e passaram a conversar com certa regularidade. O criado de Fogg nem desconfiava das intenções do detetive.

O navio avançava bem. Em Áden, chegara com quinze horas de antecedência. Phileas Fogg interrompeu o jogo apenas para visar o passaporte. O “Mongólia” continuou o percurso até Bombaim, sem problemas, já que o mar era favorável. A chegada a Bombaim estava prevista para 22 de outubro, mas era dia 20; Fogg havia ganho dois dias e, metodicamente, assinalou isso em seu livreto, sem qualquer emoção.

Haviam chegado a Bombaim às 16:30h, e um trem iria levá-los a Calcutá, às 20:00h. Fogg foi até a reparição carimbar seu passaporte; de lá, deu instruções ao criado para novas compras e foi à estação jantar, à espera do embarque.

Fix, porém, correria à delegacia de polícia local para saber se o mandado de captura havia chegado. Desapontado, soube que não havia nada. Contudo, ele pensava em uma forma de atrasar Fogg, seguran-



do-o em Bombaim até a chegada do documento de prisão. Mas não imaginava como iria conseguir isso.

Passepartout, nas compras, havia transgredido<sup>19</sup> leis religiosas dos indianos, entrando inocentemente num templo, como simples turista. Lá enfrentou luta corporal com três sacerdotes, que quiseram espancá-lo, tirando seus sapatos e gritando como selvagens. Nada entendeu o criado de Fogg, mas fugiu como pôde e chegou à estação cinco minutos antes de o trem partir.

Descalço, descabelado e sem o pacote das compras, que perdeu na briga, o criado contou ao patrão o que acontecera. Na escuridão da plataforma, Fix ouviu tudo e ficou satisfeito. Com esse delito, teria meios de frear a caminhada de Fogg pelo território indiano.

O trem partiu na hora certa, levando Fogg e seu criado atrapalhado rumo a Calcutá. No mesmo compartimento, Fogg reconheceu Sir Francis Cromarty, um brigadeiro-general que fora seu companheiro de uíste no “Mongólia”. Trocaram poucas palavras no trajeto, inclusive sobre o problema de Passepartout, pois Sir Francis conhecia a proteção britânica às crenças religiosas e compreendera a confusão em que se metera o criado de Fogg. Este dormiu boa parte do tempo, só descendo em uma estação para comprar um par de chinelos, enfeitados com pérolas falsas, que em nada combinava com seu traje.

Passepartout sentia renascer o espírito fantasista que teve durante sua juventude. Até Bombaim, rezou para que o patrão desistisse da ideia. Agora não mais.

<sup>19</sup> Transgredir:  
infringir; violar.

Estava empenhado<sup>20</sup> e ansioso em realizar a viagem em volta do mundo, no prazo apostado pelo patrão.



Imaginem, então, qual não foi a reação do criado quando o trem parou em plena floresta, dando o trecho de viagem por encerrado. Não iriam a Calcutá? Segundo o condutor, estavam em Kholby e deveriam arranjar transporte até Alabad, onde os trilhos continuavam até Calcutá.

Fogg, como sempre, estava impassível. Esperava imprevisto dessa natureza. Nada o abalava! Quando decidiu que faria o percurso a pé, o criado veio até ele dizendo que achara transporte: um elefante!

Considerando que um elefante cobre longas distâncias em marcha rápida, Fogg quis conhecer “Kiuni” e resolveu servir-se dele. O dono, porém, não quis alugá-lo. E só aceitou vendê-lo por £ 2.000,00.

Assim que fechou o negócio, Fogg arranjou um guia parse<sup>21</sup>, a quem prometeu boa recompensa. Pagou o alto preço pelo elefante com notas bancárias, extraídas do saco que Passepartout levava. Pela expressão do criado, parecia que as notas saíam de suas entranhas.

O esperto guia colocou dois cestos e uma manta sobre o animal, onde, desconfortavelmente, nossos três viajantes se acomodaram, depois de se alimentarem na aldeia de Kholby. O relógio do criado de Fogg continuava atrasado em relação ao Sol. Passepartout não queria acertá-lo de acordo com os meridianos.

As grandes florestas que percorreram eram densas e escuras, e povoadas de fanáticos, que faziam uso

**20** Empenhado: aplicado; concentrado.

**21** Parse: pertencente ou relativo aos parses, antigos persas zoroastristas que, para escapar às perseguições muçulmanas, emigraram e se estabeleceram na Índia.



dos mais terríveis rituais religiosos. O guia evitava todos os bandos selvagens, inteligentemente. Sabia que um encontro naquelas circunstâncias não seria nada bom para eles.

Passepartout, apesar do desconforto da viagem, começava a gostar dela. Estava admirado com os macacos que encontrava pelo caminho e pela exuberância<sup>22</sup> da paisagem da Índia.

No dia seguinte, depois de dormirem e se alimentarem, seguiram viagem. Puderam ouvir os sons de uma procissão brâmane<sup>23</sup> e se esconderam. Espiaram o cortejo e souberam pelo guia que se tratava de um *sutty*, isto é, um sacrifício humano voluntário da esposa de um príncipe. Segundo tais costumes, quando o homem morre, a mulher deve desejar partir com ele, pelo fogo sagrado. Se permanecer na Terra, terá uma vida de contínuos aborrecimentos e, provavelmente, morrerá de fome.

Sir Francis Cromarty conhecia aquele caso e afirmou que a moça que ia à frente da procissão, ao lado do cadáver do marido, não o fazia de vontade. Ela não oferecia resistência porque a haviam embebedado com fumo e ópio<sup>24</sup>. Fogg teve, então, a feliz ideia de salvar a jovem.

— Tenho doze horas de avanço. Posso gastá-las indo salvar a pobre mulher.

A ideia do patrão excitava Passepartout, que via em cada atitude a demonstração de um generoso coração. Todos se aliaram a Fogg, inclusive o guia, que era parse, como a moça a ser morta:

<sup>22</sup> Exuberância: viço; fertilidade; superabundância.

<sup>23</sup> Brâmane: diz-se de, ou sacerdote do Bramanismo. Os brâmanes compõem a casta superior da organização social e religiosa hindu.

<sup>24</sup> Ópio: suco espesso de propriedades altamente narcóticas, que se extrai das cápsulas de várias espécies de papoulas.

— Ela chama-se Auda e é famosa por sua beleza. É filha de mercadores de Bombaim. Tem educação europeia. Casou-se, contra a vontade, com o Rajá<sup>25</sup> de Bundelkund e, três meses depois, vendo-se viúva, fugiu para não sofrer isso. Só que foi encontrada e trazida à força para cá.



O grupo esperou o anoitecer para começar a agir e a planejar uma forma eficaz de libertar Auda daqueles fanáticos.

Esperaram até a meia-noite que a vigilância se cansasse. Quando presumiram que isso ocorreria, tentaram com canivetes abrir um buraco no pagode<sup>26</sup>, onde se encontrava Auda. No entanto, pareciam ter sido descobertos pela guarda, que gritava, procurando algo na escuridão.

Esconderam-se e continuaram ruminando novos planos de ajuda à moça. Só Passepartout parecia ter encontrado a solução, em cima de uma árvore, onde meditava. Esperaria o nascer do Sol e então...

Assim que amanheceu, a multidão começou nova procissão até o rio. À frente, em torpor<sup>27</sup> pelo ópio, estava a jovem Auda ao lado do cadáver do Rajá. Fogg, Cromarty e o guia seguiam de perto os acontecimentos, quando um grito de horror foi levantado pela multidão. Como um fantasma, o Rajá ergueu-se, carregando consigo a jovem esposa. Ele não estava morto e corria em meio à fumaça dos incensos, com a moça nos braços. Os fanáticos abaixavam a cabeça à terra, não ousando erguer os olhos para o prodígio<sup>28</sup>.

<sup>25</sup> Rajá: príncipe indiano.

<sup>26</sup> Pagode: espécie de pavilhão que alguns povos asiáticos destinam ao culto e adoração de seus deuses.

<sup>27</sup> Torpor: entorpecimento; inação do espírito.

<sup>28</sup> Prodígio: coisa sobrenatural; milagre.



Foi quando o “Rajá” passou por Fogg, sussurrando:

— Fugamos rápido. — Era Passepartout quem conseguira, com audácia, fazer passar-se pelo Rajá.

Os quatro sumiram na floresta, levados pelo trote generoso de Kiuni, o elefante. Contudo, gritos e balas avisaram-nos de que a farsa havia sido descoberta.

A sorte sorria para os audaciosos. Em pouco tempo, o elefante velozmente tirava-os dos alvos dos brâmanes fanáticos, e eles estavam salvos.

Uma hora depois, Passepartout ainda ria do triunfo do rapto. Sir Cromarty havia apertado sua mão, efusivamente<sup>29</sup>. Já Fogg conseguira dizer “bom”, o que vindo dele era um grande elogio. A jovem parse ainda estava inconsciente e nem se dera conta de que ainda vivia.

Às dez horas, o grupo chegou a Alabad, onde a trilha férrea reiniciava. Fogg esperava chegar a Calcutá a tempo de embarcar em um navio que partiria ao meio-dia para Hong Kong, no dia seguinte.

Passepartout foi comprar roupas para a jovem indiana, que continuava inconsciente e fora levada a um compartimento da estação. Quando recobrou os sentidos, Auda revelou-se encantadora: seus olhos faziam jus à fama da beleza da mulher indiana; falava fluentemente o inglês, de forma que puderam conversar muito. Ela estava sensibilizada e nem sabia como agradecer àqueles homens, que haviam se arriscado para salvá-la, principalmente Fogg e seu criado. Fogg, friamente, convidou-a para seguir viagem até Hong Kong, onde poderia viver até o caso cair no esqueci-

<sup>29</sup> Efusivamente:  
com fervor;  
expansão de afeto.

mento. Auda aceitou, prontamente, informando-o de que tinha um parente comerciante naquela cidade e que poderia ficar na casa dele por algum tempo.

O trem percorria o vale do Ganges<sup>30</sup>. Em Benares, Sir Cromarty despediu-se e desceu. Os demais prosseguiram e chegaram a Calcutá às sete da manhã. Fogg estava tranquilo porque o navio só partiria ao meio-dia. Era isso que anotava em seu livreto de viagens, quando observou que perdera a vantagem inicial de dois dias com os problemas que ocorreram.

Fogg tomara-se de cuidados especiais com Auda; queria protegê-la a todo custo de seus conterrâneos<sup>31</sup>, enquanto estivesse na Índia. Quando tencionava<sup>32</sup> seguir ao porto, um policial os interrompeu, levando-os à presença de um juiz distrital. Auda pensava que fosse a responsável por aquele atraso, mas ainda era o problema que Passepartout criara em Bombaim, profanando<sup>33</sup> um templo. Aí estava o dedo de Fix, tentando interromper a viagem de Phileas Fogg.

Quando o juiz proferiu a sentença de multa e prisão para patrão e criado, o detetive Fix, escondido atrás de um pilar, no próprio recinto de julgamento, exultou<sup>34</sup>. Finalmente os dois seriam detidos até que chegasse o mandado de captura!

Fogg, contudo, pagou uma fiança de £ 2.000,00 e partiu imediatamente, conduzindo Auda pelo braço. Fix acompanhou a cena, colérico<sup>35</sup>.

“Pródigo como um gatuno” — pensou. “Duas mil libras. Vai acabar com todo o dinheiro antes de eu levá-lo à cadeia...”



<sup>30</sup> Ganges: o maior rio da Índia, com 2.500 km de extensão. Considerado sagrado pelos hindus.

<sup>31</sup> Conterrâneo: da mesma terra.

<sup>32</sup> Tencionar: planejar; projetar.

<sup>33</sup> Profanar: tratar com irreverência ou sem respeito (coisas sagradas); violar a santidade de.

<sup>34</sup> Exultar: ter grande alegria.

<sup>35</sup> Colérico: cheio de cólera, fúria, violência.



O detetive perseguiu-os e viu que eles se dirigiam ao cais do porto. Lá os três ainda puderam embarcar no “Rangoon”, pois ainda eram onze horas. Fix imitou-os, seguindo também para Hong Kong.

O “Rangoon” era um navio tão veloz quanto o “Mongólia”, mas não tão confortável. Fogg estava seriamente preocupado com Auda, já que a viagem duraria onze ou doze dias. A moça não apresentava qualquer queixa, ao contrário, procurava uma forma de cativar aquele inglês fleumático, tão distante. Embora não demonstrasse a mínima emoção, Fogg cumpria com Auda todas as regras rigorosas de educação.

Depois de relatar sua triste história, confirmando o que o guia do elefante sabia, Auda hesitou ao pensar se seria acolhida pelo tal parente, em Hong Kong, ao que o frio Fogg respondeu que “matematicamente” tudo se arranjaría. Teria Auda entendido o que significava “matematicamente”?

Ela penetrava seu olhar límpido “como o lago do Himalaia” no de Fogg, que parecia não perceber ou não estar disposto a lançar-se naquele lago.

Passepartout havia conversado com Auda sobre a estranha personalidade do patrão, mas falava em sua generosidade. Contou a ela, também, sobre a aposta e a volta ao mundo, o que fez Auda sorrir.

Fix havia se ocultado de Passepartout o tempo todo, no “Rangoon”. Estava aflito por chegar a Cingapura e telegrafar para Londres, pedindo nova remessa do mandado de captura para Hong Kong, último ter-

ritório britânico. Se falhasse lá, perderia Fogg de vez, já que na América seria necessário um pedido de extradição<sup>36</sup> e tudo se complicaria.



Quando pensou em se identificar para Passepartout, soube pelo tagarela das aventuras que tinham passado na Índia naqueles dias com Auda e o elefante.

O detetive desapontou-se: ao ver Auda suspeitara de rapto e vira aí um meio de deter Fogg em Hong Kong, mas, sabendo que a moça ficaria com parentes, desistiu.

Fogg continuava sua circunavegação<sup>37</sup> sem observar por onde passava, naqueles loucos oitenta dias! Continuava reservado ou conversando com Auda, ou jogando uíste. Como sempre.

Passepartout começou a desconfiar da coincidência da presença de Fix em todos os locais aonde iam, mas nunca poderia supor que era um policial atrás de um gatuno: o seu patrão? Nunca! Começou a pensar que Fix era um espião colocado na trilha deles pelos apostadores do Reform Club, de Londres.

Depois de abastecer em Cingapura, o navio prosseguiu para Hong Kong. Fogg queria chegar antes de 6 de novembro para poder embarcar para Iokoama, um dos principais portos do Japão.

Fix ainda não tivera coragem de se identificar para Passepartout, para contar com sua ajuda na prisão de Fogg, mas percebia que o criado fazia ironias à sua verdadeira identidade. Teria ele descoberto?

<sup>36</sup> **Extradição:** ação de extraditar; entregar um criminoso à requisição do país de onde ele é natural.

<sup>37</sup> **Circunavegação:** ação de circunavegar, rodear navegando.



Outra coisa que Passepartout não entendia era a indiferença do patrão pelos olhares apaixonados de Auda. Só um cego não veria...

Com o mau tempo, o navio não podia ser mais veloz; a viagem de Fogg estaria comprometida com a perda do navio para Iokoama. Só que nosso herói sem nervos não apresentou o mínimo sinal de ansiedade ou aborrecimento. A Fix, ao contrário, qualquer atraso favorecia. Já Passepartout não disfarçava a raiva contida contra a natureza. Parecia que as vinte mil libras da aposta saíam de seu bolso. Intranquilo, ele já nem dormia: subia à proa, pulava ágil como um macaco. Perguntava a oficiais sobre a duração das chuvas, e eles o olhavam como a um louco e caíam na risada.

No dia 4, o tempo melhorou; o navio ganhou velocidade, mas era impossível chegar a Hong Kong a tempo de pegar a fragata para Iokoama.

Apesar dos contratemplos, nossos amigos contaram com os ventos da boa sorte: o “Carnatic” zarparia com atraso, no dia 7, devido a um problema nas caldeiras. Passepartout não cabia em si de felicidade! Não fosse o “Carnatic” esperá-los e eles teriam que aguardar oito dias até o próximo navio para cruzar o Pacífico, a caminho da América! E então, seria o fim!

Em Hong Kong, Fogg procurou um hotel para Auda descansar e foi à Bolsa de Comércio tentar encontrar o parente da bela indiana. Realmente, ele era muito conhecido em Hong Kong e logo Fogg teve notícias: ele havia se mudado para a Holanda!



Quando deu a notícia à bela Auda, embaraçada, ela pediu-lhe um conselho sobre o caminho a tomar. Fogg convidou-a a seguir à Europa, em companhia deles, e ela concordou. Assim, Passepartout foi ao cais comprar três bilhetes para o “Carnatic”. Lá, viu Fix, que andava de um lado a outro, soltando fumaça de raiva. O criado de Fogg sorriu e pensou: “As coisas vão mal para os cavalheiros do Reform Club”.

— O senhor não vai nos largar agora, não é? — perguntou, gozador.

— Claro que não — rosnou Fix.

— Então, vamos comprar as passagens para embarcar para Iokoama, a bordo do “Carnatic”.

Os dois foram comprar as passagens juntos, quando o empregado avisou-os de que o problema do navio já estava reparado e que o “Carnatic” partiria naquela noite mesmo, às 8:00h.

— Ótimo. Isso vai deixar meu patrão feliz — alegrou-se Passepartout.

O detetive convidou-o para beberem vinho em um local próximo ao cais. Na verdade, ingenuamente, os dois caíram num antro de fumo de ópio, mas não perceberam. Lá, Fix revelou sua verdadeira identidade e pediu ajuda a Passepartout para reter seu patrão por mais tempo em Hong Kong.

O criado de Fogg ficou atordoado; não queria acreditar que pudesse haver suspeita sobre um homem tão honesto e valente como seu patrão.



Enlouquecido, ele bebeu além da conta, e Fix, espertamente, para separá-lo ainda mais de Fogg, estendeu a ele um cachimbo de ópio, o qual, distraído, ele aspirou. Logo ficou inerte<sup>38</sup>, dopado pelo narcótico.

Fix pagou a conta e saiu, assobiando vitorioso.

Enquanto sua viagem estava sendo arruinada, Fogg passeava por Hong Kong em companhia de Auda. Fazia compras para a jovem enfrentar a viagem, e ela ficava muito preocupada com os gastos. Jantaram à noite, no hotel, e cada qual recolheu-se ao seu quarto para repousar para o embarque do dia seguinte. Se fosse normal que Fogg se espantasse com alguma coisa, estranharia a ausência de Passepartout antes de dormir.

No dia seguinte, Fogg e Auda foram ao porto a fim de embarcar no “Carnatic” e se surpreenderam ao não encontrar o criado, nem o navio, que havia partido na véspera. Contudo, Fogg não exprimiu uma só palavra de desapontamento.

Fix, que observava a cena, resolveu aproximar-se, fingindo interesse pelo paradeiro<sup>39</sup> de Passepartout. Na pequena conversa que teve com Fogg, pôde ver que o cavalheiro não se afligia por nada.

Febril e nervoso, Fix viu Fogg conseguir uma embarcação para Xangai, de onde o navio para São Francisco sairia, antes de chegar a Iokoama.

Fogg fretou o barco de vinte toneladas, comandado por John Bunsby, denominado “Tankadere”. Antes de partir, foi com Auda à sede de polícia e ao consulado francês, deixando características de Passepartout

<sup>38</sup> Inerte: sem atividade.

<sup>39</sup> Paradeiro: destino; lugar onde alguém está.

e dinheiro para que fosse repatriado. Passaram pelo hotel, apanharam as bagagens e partiram.



Fogg ofereceu carona a Fix, que imediatamente aceitou.

Os mares da China são maus e expostos a furações; o tempo não era bom naquele final de outono. Apesar disso, os ventos ajudavam Phileas Fogg e tudo corria dentro do previsto. Fix, sabendo do isolamento do cavalheiro, procurou ficar distante dele o maior tempo possível, exceto nos momentos de refeições.

Na terceira noite, desabou uma intensa tempestade e a viagem passou a ser uma luta contra o naufrágio. As ondas eram enormes e foi por um milagre que não viraram a casquinha de noz em que se transformou o “Tankadere”.

Quando se aproximavam do porto de Xangai, viram o navio americano deixando o porto, rumo a Iokoama. O Capitão Bunsby emitiu sinais de bandeira e utilizou um pequeno canhão de bronze, que foram captados pelo navio.

O que teria acontecido com Passepartout? O que fizera o atrapalhado criado de Fogg? Pois bem, depois que Fix o deixou narcotizado no bar de Hong Kong, ele ficou três horas inconsciente. Porém, o dever não cumprido foi seu sentimento mais forte e o acordou, levando-o aos gritos até o cais, onde embarcou no “Carnatic”, sem saber como, e seguiu para as terras do Japão.

No dia seguinte, achando estranho que o patrão e Auda não estivessem a bordo, lembrou-se de que o



navio partira antecipadamente e que ele, drogado com a ajuda de Fix, não o comunicara a tempo. Desesperado, arrancava os cabelos o pobre Passepartout!

Não vendo outro jeito, senão o de resignar-se, ele passou a comer tudo o que aguentava, já que não sabia o que o aguardava no Japão. Estava com os bolsos vazios e não conhecia ninguém na terra do Sol nascente, portanto, parecia abastecer-se de alimentos, com antecedência.

Chegando a Iokoama, Passepartout passeou a esmo<sup>40</sup> durante um bom tempo. Aquela noite, dormiu perto do cais e acordou faminto. Tinha o relógio de família, que não ousava regular pelos meridianos; poderia vendê-lo para comer, mas afastou a ideia. Preferia morrer de fome. Ele sabia cantar, mas era muito cedo. Pensou em trocar os trajes, e isto lhe deu alguns trocados: sentia-se em pleno Carnaval, com uma túnica japonesa e um turbante na cabeça. Com as moedas comeu e bebeu avidamente<sup>41</sup>.

Pensou em ir ao porto, procurar trabalho em um navio que seguisse para a América, mas, enquanto refletia sobre a utilidade de sua ida ao porto, encontrou o cartaz de um circo, que anunciava últimas apresentações antes do embarque à América!

Foi assim que Passepartout arranhou um trabalho como palhaço acrobata do Circo dos Grandes Narigudos. No seu dia de estreia, o atrapalhado criado de Fogg acabou com o show, quando viu seu patrão e Auda na plateia. Correu até eles, identificando-se, sem a fantasia.

<sup>40</sup> A esmo: ao acaso.

<sup>41</sup> Avidamente: com desejo veemente; com sofreguidão.

Os três ficaram muito felizes por se reencontrarem e seguiram para o porto, para embarcarem para São Francisco. Não sem antes Fogg indenizar o dono do circo, já que Passepartout estragara o show daquela noite.



Assim, os três estavam a bordo do “General Grant” e foi Auda quem contou ao criado de Fogg a difícil travessia no “Tankadere” até Xangai e o embarque até Iokoama, aonde chegaram na manhã do dia 14 de novembro. Como o “General Grant” só sairia à tarde, Auda e Phileas Fogg procuraram o “Carnatic” e souberam que Passepartout havia embarcado nele e descido ali. Os dois se puseram a procurá-lo pela grande cidade, indo a consulados e à polícia. Contudo, fora um estranho pressentimento que os levara até o circo...

A travessia do Pacífico, para justificar o nome do oceano, foi pacífica. E qual não foi a alegria de Passepartout ao ver o relógio do navio de acordo com o seu. “Eu sabia”, pensou o francês. “O Sol ainda ia se acertar com meu relógio. E aquele velhaco do Fix querendo que eu mexesse nele, falando em Sol, Lua, meridianos...”

Passepartout, naturalmente, ignorava que seu relógio indicava 9:00h e os relógios do navio indicavam 21:00h. E por falar em Fix, por onde andaria ele? Nem mais, nem menos do que a bordo do “General Grant”, escondendo-se entre os outros passageiros. Ao chegar a Iokoama, no consulado britânico, encontrou o atrasado mandado de captura de Phileas Fogg. E para quê? Naquele território, já não mais lhe serviria.



Foi assim que ele embarcou no “General Grant”. Quando Passepartout o viu, atirou-se sobre ele, agressivamente, dando-lhe uma boa sova<sup>42</sup>. Depois de apanhar, Fix convidou o criado de Fogg para uma conversa, em que fizeram um acordo: o detetive prometia não mais atrasar Fogg, já que o retorno à Inglaterra era de seu maior interesse, e pedia a Passepartout para não revelar sua identidade ao seu patrão.

No dia 3 de dezembro, o navio entrou na baía de Golden Gate, em São Francisco, Estados Unidos. Phileas Fogg estava rigorosamente em dia em seu programa: não havia ganhado, nem perdido um único dia.

Naquele mesmo dia, havia um trem para Nova Iorque, às dezoito horas, no qual nossos amigos pretendiam embarcar. Mesmo assim, Phileas Fogg levou Auda ao Internacional Hotel, para descanso. O criado, logicamente, acompanhou-os e estranhou muito não encontrar índios e bandidos pelo caminho.

Na verdade, sentia-se em plena Inglaterra! Onde estaria a lendária povoação de 1849, em que os marginais de todo o mundo tinham corrido à Califórnia para encontrar ouro? O criado insistiu junto a Fogg que era preciso comprar carabinas<sup>43</sup> e revólveres para enfrentarem os índios, quando estivessem no trem. Fogg desconsiderou tal precaução, mas deixou a critério do criado fazer o que julgasse melhor.

Depois de ir com Auda até o consulado para visar o passaporte, Fogg deu de cara com o detetive Fix. Eles, que haviam feito a travessia, juntos, no “Tankadere” até Xangai, não se viram mais desde então. E

<sup>42</sup> Sova: surra.

<sup>43</sup> Carabina: espingarda estriada; fuzil.

era curioso para Fogg tornar a vê-lo em pleno continente americano e, mais ainda, saber que Fix se dirigia à Europa.



Andando pelas ruas de São Francisco, os três encontraram uma aglomeração<sup>44</sup> de pessoas. Parecia uma passeata ou um comício. Pararam para observar e por pouco não se meteram em grande confusão, quando o que parecia um encontro pacífico transformou-se numa grande briga. Fogg quase foi atingido por um coronel chamado Stamp Proctor, não fosse Fix ter-se metido a protegê-lo e ter levado a surra.

Às 17:00h, o grupo dirigiu-se à estação de trem. Passepartout levava punhais e revólveres, parecendo mais que ia para uma guerra.

À noite, os quatro dormiram profundamente. Passepartout, depois que soubera por Auda que Fix havia ajudado Fogg a desvencilhar-se de Proctor, diminuiu a vigilância contra o detetive.

No dia seguinte, após o almoço, eles estavam vendo as belas paisagens americanas pela janela do vagão, quando o trem parou. Passepartout foi saber o motivo e viu uma manada de dez ou doze mil búfalos parada junto à linha. Ele ficou possesso<sup>45</sup> e sentiu vontade de descarregar seu arsenal nos animais.

— Que país é este, em que bois param os trens?  
— perguntava-se, vermelho de raiva.

Mas o maquinista tinha razão em esperar que os animais se resolvessem a sair da linha, já que os primeiros poderia esmagar, mas e os restantes? Se eles resolvessem atacar o trem, o que poderia acontecer?

<sup>44</sup> Aglomeração: agrupamento.

<sup>45</sup> Possesso: irritado; fora de si.



Só Fogg parecia concordar com ele, pois, embora fosse o mais interessado na rapidez da viagem, era também o mais prudente.

No final do dia, o trem prosseguiu viagem. Passepartout impacientava-se cada vez mais, refletindo: “Droga de ideia o patrão se meter nesta viagem em pleno inverno!” O fiel criado temia que a neve atrasasse a marcha da composição, comprometendo fatalmente o horário de viagem.

No dia 7 de dezembro, o trem entrava no estado de Wyoming (antigo Dakota) e parou um pouco, para descanso dos passageiros, junto ao rio Green.

Auda viu de sua janela, entre os passageiros, o coronel Proctor, o mesmo homem que desacatara<sup>46</sup> Fogg e surrara Fix no comício. A jovem indiana aproveitou que Fogg adormecera e colocou Passepartout e o detetive a par daquela incômoda presença. Ela temia o que pudesse ocorrer a Fogg, já que os sentimentos que seu coração vinha tendo em relação a ele nada mais tinham de gratidão...

Fogg durante o encontro que tivera com o coronel Proctor havia prometido que voltaria à América, quando tivesse mais tempo, para desafiá-lo a um duelo. E era isso que Auda temia, ponderando as terríveis consequências que tal duelo poderia acarretar, inclusive a de atrasar a viagem e arruinar Fogg perante os cavalheiros do Reform Club, em Londres.

Passepartout e Fix concordaram com ela e acharam melhor impedir Fogg de avistar-se com o “ianque”. Depois dessa conversa, Fogg acordou e os quatro puse-

<sup>46</sup> Desacatar:  
desrespeitar.

ram-se a jogar uíste, o que Auda fazia muito bem, demonstrando a boa educação inglesa que recebera.



Às onze da manhã, o trem alcançara o ponto onde se separam as águas dos dois oceanos: Passe Bridger, que fica a uma altitude de 7.500 pés do nível do mar, é um dos locais mais elevados da travessia férrea nas Montanhas Rochosas.

Após o almoço, o trem tornou a parar. Desta vez por problema sério: a ponte Medicine-Bow estava abalada e não aguentaria o peso do trem. Era uma ponte pênsil, lançada sobre o curso de água turbulenta. Passepartout e o coronel Proctor estavam entre os passageiros que xingavam o maquinista e a companhia, quando souberam que teriam de andar doze milhas pela neve até a estação de Omaha para pegarem outro trem, que os levaria a Nova Iorque.

Quando ia avisar o patrão, que ficara no vagão a jogar uíste, Passepartout ouviu o maquinista propor ao guarda que, se tentasse utilizar a máxima velocidade, poderia transpor a ponte, sem problemas. Ou, pelo menos, sem muitos problemas.

A ideia começou a ganhar adeptos, que calculavam as probabilidades de êxito. Passepartout achou a ideia “bem americana”, mas refletiu algo tão simples a seguir, que queria a todo custo que os companheiros de viagem o ouvissem. Mas ninguém escutou, em meio à gritaria, a voz prudente de Passepartout:

— Por que não vão os passageiros a pé, pela ponte, e o trem vazio, em alta velocidade, depois?



E, assim, o maquinista recuou em uma milha e, na maior velocidade que conseguiu, cruzou a ponte, como um relâmpago. Depois que o trem passou, a ponte arruinada desfez-se e caiu sobre as águas do rio Medicine.

No vagão, Fogg, Fix e Auda continuavam a jogar uíste, sem saber de nada.

Às onze horas da noite, o trem penetrou no Nebraska e atingiu Julesburgh. A viagem, se não encontrassem mais obstáculos, duraria ainda mais uns quatro dias. Phileas Fogg estava rigorosamente em dia.

Na manhã seguinte, o grupo jogava uíste, novamente, para matar o tempo, quando uma voz falou atrás de Fogg, sobre o jogo: era Proctor!

Quando Fogg e ele se reconheceram, houve uma troca de insultos. Fix tentou reivindicar para si um pedido de satisfação ao coronel, já que ele fora agredido em lugar de Fogg, no comício. Passepartout queria jogar o coronel pela janela do vagão, mas foi impedido pelo patrão, por um sinal. Fogg queria tirar a situação a limpo, pessoalmente. Não aceitava interferências.

O local para o duelo ficou sendo a próxima estação de Plum-Creeck. O trem pararia por dez minutos e era tempo suficiente para uma troca de tiros.

Depois disso, Fogg procurou tranquilizar Auda e voltou a jogar uíste, calmamente. Quando o trem apitou, anunciando a proximidade de Plum-Creeck, Fogg e Proctor seguiram para a plataforma, mas foram impedidos de descer pelo maquinista, que comuni-

cou que o trem não iria parar, já que estava atrasado. Quando viu que o problema dos homens era um duelo, o maquinista sugeriu que se batessem no vagão mesmo.



Os dois homens aceitaram e procuraram o último vagão da composição, que tinha dezesseis metros e convinha perfeitamente à situação. Os dois levavam revólveres e testemunhas. No momento de abrir fogo, foram interrompidos por gritarias de selvagens: eram índios *sioux*<sup>47</sup> que atacavam o trem.

Entravam pelas janelas, saqueando e matando. Foi assim que Proctor e Fogg esqueceram-se do duelo e puseram-se a lutar contra os índios.

O condutor caiu, baleado, mas teve tempo de dizer a Fogg que todos estariam perdidos, se o trem não parasse em cinco minutos.

Passepartout ouviu e foi parar a composição, no lugar de seu patrão. Readquirindo sua agilidade de antigo palhaço, o criado de Fogg agarrou-se às correntes, passou de um vagão para outro, com facilidade, valendo-se das alavancas dos freios e dos eixos do chassi<sup>48</sup>. Conseguiu desenganchar as correntes de segurança e tentou desparafusar o engate... Assim, conseguiu separar a locomotiva do restante da composição e o trem andou mais alguns quilômetros.

Ouvindo o tiroteio, os soldados do forte acudiram e socorreram os viajantes. Os índios fugiram, assim que ouviram as tropas aproximarem-se.

Quando todos se reuniram, verificando que faltavam três pessoas, entre as quais nosso bravo Passe-

<sup>47</sup> *Sioux*: tribo indígena que habitava, originalmente, a região norte dos EUA.

<sup>48</sup> *Chassi*: estrutura de aço sobre a qual se monta toda a carroçaria de veículo motorizado.



partout, Auda começou a chorar, imaginando que seu fiel amigo pudesse estar morto a essas horas.

Fogg despediu-se dela, dizendo que o acharia vivo ou morto. E, sem grandes palavras, partiu com alguns soldados do Forte para tentar localizar Passepartout junto aos índios sioux.

Auda passou a noite sem dormir, com muito medo. Fix ficara com ela na estação, a pedido de Fogg. Ela não queria nem imaginar o que poderia ocorrer a Fogg. Ela ainda tentou impedir a saída do trem, mas não conseguiu.

Somente no dia seguinte, à noite, haveria um outro trem para Omaha. Assim, a viagem de Fogg estava irremediavelmente comprometida, pois não daria tempo de pegar o navio em Nova Iorque, com destino a Liverpool.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, Auda viu ao longe a chegada de Fogg, Passepartout vivo e os soldados do Forte, que voltavam da missão vitoriosos. Conforme prometera, Fogg distribuiu aos soldados uma recompensa de £ 1.000,00, o que fez Passepartout dizer com razão:

— Estou saindo caro ao patrão.

Phileas Fogg, enquanto aguardava o trem noturno, fazia os cálculos em seu livreto de viagem: estava atrasado 20 horas! O detetive Fix, então, veio propor-lhe o desafio de viajarem num trenó<sup>49</sup> a vela até a estação de Omaha, de onde partiam vários trens para Nova Iorque.

<sup>49</sup> Trenó: espécie de carro provido de esquis para deslizar sobre a neve.



Sem hesitar, Fogg fechou contrato com Mudge, o dono do trenó a vela. A viagem seria dura, embora o vento fosse favorável, mas Fogg achou melhor pedir a Auda que ficasse em Kearney, com Passepartout, à espera de um trem decente, que a levasse até Nova Iorque. E de lá, Passepartout a acompanharia até a Europa, sem a necessidade de expor-se às condições em que ele, Fogg, viajava, por causa da aposta. Para felicidade do criado, Auda recusou. Não queria separar-se de Fogg por nada deste mundo!

Às 8:00h, o trenó partiu. Que travessia! Os viajantes, comprimidos uns contra os outros, nem podiam falar. O frio intensificado pela velocidade não permitia nem que abrissem a boca. O trenó corria a uma velocidade de quarenta milhas<sup>50</sup> por hora. Mudge, o dono do trenó ao leme, fazia o que podia, já que a ele também Fogg oferecera boa recompensa...

O vento continuava favorável, ajudando Phileas Fogg. Passepartout começava a nutrir esperanças de que nem tudo estaria perdido...

O trenó acompanhou a margem direita do rio Platte, durante todo o percurso. Chegou à estação de Omaha às 13:00h. Um trem estava saindo: nossos amigos embarcaram rapidamente.

Durante a noite, o trem atravessou o Mississipi, em Davenport e Illinois. Chegaram no dia 10, às 16:00h, a Chicago.

Em Chicago, os quatro tomaram um dos muitos trens que seguem para Nova Iorque. A locomotiva era muito potente e arrancou com muita velocidade.

<sup>50</sup> Milha: medida itinerária inglesa equivalente a 1.609 metros.



Como um relâmpago atravessou os estados de Indiana, Ohio, Pensilvânia e Nova Jersey.

Finalmente, chegaram a Nova Iorque, às 23:15h. A estação de trem ficava junto à margem direita do rio Hudson, de onde partem os vapores para a Europa: o “China” partira para Liverpool quarenta e cinco minutos antes...

O “China” levava consigo todas as esperanças de Phileas Fogg. Passepartout estava aniquilado<sup>51</sup>. Não se conformava que havia perdido o navio por quarenta e cinco minutos. E se lembrava do quanto havia colaborado, semeando obstáculos ao patrão. Fazia os cálculos da viagem inútil, acrescido o valor da aposta. O patrão estava arruinado...

Contudo, Fogg, como sempre, parecia não perder a calma e propôs que todos fossem para o Hotel S. Nicolau, na Broadway. No dia seguinte, mais descansados, poderiam pensar melhor em alguma solução.

Era dia 11 de dezembro. Se eles houvessem conseguido viajar no “China”, chegariam sem problemas a Londres, no horário previsto pela aposta de Fogg.

O cavalheiro foi até as margens do Hudson, assim que nasceu o Sol. Nenhum grande navio tinha embarque previsto para aquele dia. Sem perder a esperança, continuou visitando barcos, até que encontrou um chamado “Henrietta”. Chamou o capitão, um tal de Andrew Speedy, que o informou que ia para Bordéus, na França, levando mercadoria. Não transportava pessoas e não aceitava qualquer acordo financeiro.

<sup>51</sup>Aniquilado: abatido.

Com jeito e US\$ 8.000,00, Fogg finalmente convenceu o antipático Speedy a levá-los até Bordéus.



E, assim, Fogg, Auda, Passepartout e o cara-de-pau Fix embarcaram para a Europa, às 9:00h, naquele dia. Haveria de dar tempo! — rezava Passepartout.

No dia seguinte, 13 de dezembro, ao meio-dia, um homem subiu à ponte para fazer o ponto. Mas não era o Capitão Speedy! Era Phileas Fogg, que havia assumido o comando do barco e, com suas manobras, influenciado marinheiros, maquinistas, foguistas e trancado o Capitão Speedy numa cabina, onde urrava, enlouquecido. Com a promessa de boa recompensa, o navio seguia para Liverpool e só iria para Bordéus depois.

O mar estava bom e as condições do tempo eram excelentes! Navegavam num autêntico transatlântico<sup>52</sup>... No dia 13, passaram por Terra Nova e o tempo mudou. O frio estava intenso e o vento não era favorável a Phileas Fogg. Na verdade, o vento transformou-se em furacão, mas não chegou a colocar a vida dos nossos amigos em perigo.

Se a viagem fosse no verão, não haveria tantos problemas meteorológicos. Passepartout servia as refeições ao bravo Capitão Speedy, que continuava trancado em uma cabina, aos berros.

No dia 16, um marinheiro avisou a Fogg que o carvão terminaria antes do previsto, já que a rota do “Henrietta” fora aumentada. Fogg orientou o marinheiro que navegasse a todo o vapor, esgotando o combustível disponível. No dia 18, o carvão estava

<sup>52</sup> Transatlântico: navio que faz o percurso Europa-América e vice-versa.



para acabar, quando Fogg chamou o Capitão Speedy à sua presença.

Entre pragas e gritos, Speedy foi levado até Fogg, que lhe propôs comprar o navio por US\$ 60.000,00, deixando a máquina e o casco para o velho. Aquilo sensibilizou Speedy de tal forma, que parecia uma bomba cujo mecanismo houvesse sido habilmente destruído antes da explosão.

Vendo o dinheiro, Speedy ria sozinho! Fogg contou-lhe em poucas palavras sobre a aposta e pediu-lhe desculpas por ter sequestrado o barco. O velho, que agora sorria amigável, dizia a Fogg que ele fizera bem em ter feito o que fez e que ele, Speedy, em nome de £ 20.000,00, faria o mesmo.

Fogg pediu, então, que ele determinasse que toda estrutura de madeira fosse jogada à caldeira, para servir como combustível. Assim, tombadilho<sup>53</sup>, beliches, camarotes, tudo virou lenha, rapidamente, para garantir a chegada do navio à Inglaterra!

Passepartout era um horror na demolição. Trabalhava por dez, pondo abaixo mastros, portinholas, antenas, com o machado.

No dia 20, o “Henrietta” se aproximou de Queens-town, na Irlanda. Seria preciso esperar três horas no porto. Lá, Fogg despediu-se do capitão Speedy, com um forte aperto de mão e muita pressa, a uma hora da madrugada do dia 21!

**53 Tombadilho:**  
a parte mais alta de um navio, entre a popa e o mastro de mezena.

**54 Vapor:** navio movido por máquina de vapor.

Os quatro embarcaram, de imediato, num trem que os deixou em Dublin pela manhã. Tomaram um vapor<sup>54</sup>, que os levou a Liverpool, às 11:40h. Estavam

a seis horas de Londres... Daria tempo! — regozijava-se<sup>55</sup> Passepartout.



Foi nessa hora que Fix aproximou-se de Fogg, com o mandado de captura:

— O senhor está preso, em nome da rainha da Inglaterra! — disse.

Fogg foi levado por Fix à alfândega de Liverpool e ficou trancado, numa espécie de cela, à espera de transferência para Londres.

Passepartout ainda quis agredir Fix, que se esquivou<sup>56</sup> com a ajuda dos policiais. Auda chorava, em companhia do criado, desoladamente<sup>57</sup>. Phileas Fogg, porém, continuava impassível, andando de um lado a outro na cela, solidamente fechada com grades de ferro. Abriu seu livreto de viagem e anotou: 80º dia — 12:00h... E aguardou. O relógio da alfândega marcou 13:00h, 14:00h...

Eram 14:33h quando Fix veio todo descabelado, correndo, e abriu a cela:

— Perdoe, senhor. Foi um lamentável equívoco. O ladrão do banco já está preso há dias...

Naquele momento, Phileas Fogg avançou para o detetive e fez talvez o único gesto brusco de sua vida: assentou<sup>58</sup> um duplo murro no maldito Fix, que caiu ao chão, sem sentidos.

Os três, Fogg, Auda e Passepartout correram à estação de Liverpool e souberam que um trem partira para Londres trinta e cinco minutos antes.

Fogg, gastando seus últimos recursos, alugou um trem especial, ultrarrápido, que deixou Liverpool às

<sup>55</sup> Regozijar-se: alegrar-se.

<sup>56</sup> Esquivar-se: afastar-se; fugir; evitar; escapar.

<sup>57</sup> Desoladamente: tristemente.

<sup>58</sup> Assentar: aplicar.



15:00h. O trem quase voava para a capital do Reino Unido, para atender ao pedido de Fogg, que prometia recompensas.

Mas tudo foi em vão. Os três chegaram a Londres quando faltavam dez minutos para as 21:00h! Fogg tinha conseguido dar a volta ao mundo em oitenta dias, mas perdia a aposta por uma diferença insignificante de cinco minutos...

No dia seguinte, ninguém poderia supor que Fogg estivesse em casa, já que as janelas da casa da Ladeira de Saville estavam fechadas.

Fogg estava fechado em seu quarto e, com sua aparente impassibilidade, parecia receber o duro golpe que o destruía. Tinha conseguido vencer tantos obstáculos, mas Fix o pegara terrivelmente desarmado e o arruinara! Havia levado grande soma à viagem e voltara com muito pouco. Tudo o que possuía eram as vinte mil libras, que estavam depositadas e que perdera na aposta. Na verdade, não apostou pelo dinheiro, mas pela palavra, pela honra...

Passepartout e Auda não deixavam de vigiar o quarto de Fogg, temendo que ele pudesse cometer uma loucura. O criado levou chá e torradas pela manhã ao patrão, que lhe pediu para marcar uma audiência com Auda à noite.

À noite, Fogg pediu Auda em casamento, apesar de sua situação financeira ter se agravado. Auda, que ansiosamente aguardava por este momento, aceitou, emocionada. Eram 20:05h quando o patrão pediu a Passepartout que fosse à paróquia local chamar o reverendo.

O criado saiu correndo, feliz, a caminho da igreja.

Enquanto isso, voltemos ao assunto da Bolsa de Londres. Lembrem-se do valor que as apostas sobre a viagem de Fogg tiveram no início da viagem? E como despencaram quando chegou o telegrama de Fix, comunicando sua suspeita sobre o ladrão do Banco da Inglaterra? Pois bem, após prenderem o verdadeiro ladrão, um tal James Strand, no dia 17 de dezembro, as apostas foram reativadas e os preços subiram como nunca!

No dia 21, às 20:25h, os cinco cavalheiros do Reform Club estavam no salão, aguardando por Fogg, mas já davam a aposta como ganha, pois na lista de passageiros do “China” não constava o nome de Fogg.

As ruas que davam ao clube estavam cheias de gente, e qual não foi a surpresa de todos, quando, pontualmente, às 20:45h, Phileas Fogg entrou no salão do Reform Club: havia ganho a aposta!

Como? Quando Passepartout chegou à igreja, onde fora chamar o reverendo para celebrar o casamento de Auda e Fogg, descobriu que aquela noite era sábado, 21, e não domingo, 22, como todos pensavam em casa.

Voltou, correndo como louco, para avisar o patrão para que ele conseguisse se apresentar a tempo, no Reform Club...

Como é possível a um homem tão meticuloso, como Phileas Fogg, ter-se enganado assim? A explicação é simples: dando a volta ao mundo, pelo leste, Fogg ganhou um dia; o que perderia, se tivesse feito





a viagem ao contrário, pelo oeste. De fato, os dias diminuem à razão de quatro minutos por meridiano, quando se vai ao encontro do Sol. Lembram-se do relógio que Passepartout se recusava a acertar pelo Sol? Se fosse um relógio moderno, indicaria, além das horas e minutos, o dia...

Fogg ganhou a aposta, mas a diferença entre o valor recebido e as despesas da viagem era mínima e ele a deu para Passepartout e Fix, de quem não guardou rancor.

No dia seguinte ao de suas núpcias com Auda, Fogg foi acordado pelo criado, que batia insistentemente à sua porta:

— Patrão — dizia Passepartout, alegre. — O senhor provou que conseguimos fazer a viagem em setenta e nove dias...

Fogg sorriu e pediu para Passepartout deixá-lo dormir um pouco mais. Afinal, o melhor para ele, em toda esta louca aventura, foi ter conhecido a bela Auda, que o tornou o mais feliz dos homens.

## O Autor



Nenhuma outra obra literária refletiu com tanta fidelidade a história de sua época como a coletânea dos romances de Júlio Verne, conhecida como Viagens extraordinárias.

Nascido em Nantes, na França, a 8 de fevereiro de 1828, filho de Pedro Verne, cuja família orgulhava-se de sua tradição na advocacia, e de Sofia Alotte, proveniente de rica família de armadores, Júlio Verne mostrava uma forte inclinação para a literatura desde sua infância.

Talvez devido à sua formação familiar, Verne tenha se inclinado para um novo gênero literário: a ficção-científica, resultado da união de seus conhecimentos sobre a vida dos homens do mar, daquela época, cheia de aventuras, e sua formação escolar, na faculdade de direito, que o ensinara a raciocinar logicamente, e a aceitar somente os fatos como verdadeiros.

Júlio Verne, entretanto, viveu durante uma época privilegiada. O homem do século XIX conjugava harmoniosamente a ciência e a tecnologia. Uma mesma geração assistiu ao descobrimento da eletricidade, do automóvel, do avião, do rádio, do submarino, dos tecidos sintéticos, do cinema...

Verne assistiu a todos estes acontecimentos e antecipou-se a muitos deles. Maravilhava-se, assim como seus contemporâneos, com a velocidade que



o progresso adquiria. Tudo isto o levou a uma ideia, em que trabalhou com afincos desde seus 24 anos até sua morte em 24 de março de 1905: escrever a novela da ciência, estabelecendo uma ponte entre a ciência e a literatura. Para tanto, contava apenas com uma ferramenta: sua imaginação fértil, cujo ponto de partida era o estudo, a observação e a curiosidade.

Nem mesmo seu casamento com Honorina Hebè, o nascimento de seu filho Michel, ou suas ocasionais rugas com seu pai, o desviaram de seu propósito.

Seu profundo respeito para com a ciência nunca o deixou afastar-se do racionalismo ou realismo. E, mesmo em obras mais fantásticas, como *Viagem ao centro da Terra*, *Da Terra à Lua* e outras, sua finalidade era usar a fantasia para ilustrar os conhecimentos de sua época em astronomia, matemática, física, paleontologia, mineralogia etc.

Em suma, sua vida resumiu-se a retratar sua época, por isso Verne está profundamente imerso em seu tempo e expressa aspectos importantíssimos desse período. Seus personagens, em sua maioria, não são senão veículos de uma ideia ou agentes de uma empresa, quando não meros símbolos.

A coragem, a tenacidade, a lealdade, a nobreza de sentimentos não isenta de uma certa ingenuidade, tais como as principais características, em ocasiões um tanto estereotipadas, do herói verniano, que não se define tanto por si mesmo como pelo que faz.

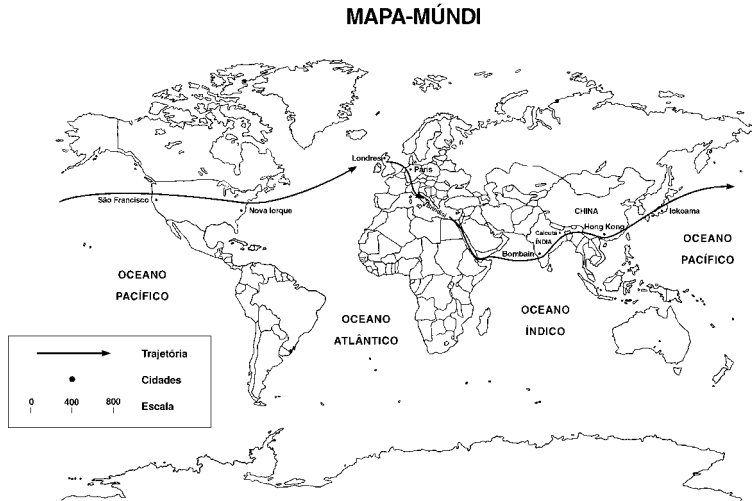
## *Roteiro de Leitura*



1. Descreva Phileas Fogg.
2. Quem era Jean Passepartout? Como era?
3. No Reform Club, Phileas Fogg jogava uíste com amigos. Enquanto falavam sobre o roubo de £ 55.000,00 do Banco da Inglaterra, surgiu a questão de em quanto tempo se faz a volta ao mundo. O que Fogg disse e o que aconteceu?
4. Fogg ficou famoso entre os ingleses por causa de sua viagem, que o transformou no centro das apostas o valorizou como ação na Bolsa de Londres. Por que repentinamente o valor dessas ações despencou?
5. Fix aproximou-se de Passepartout para saber detalhes a respeito de Fogg. O que conseguiu saber?
6. No caminho para Calcutá, os viajantes ouviram sons de uma procissão brâmane. Do que se tratava?
7. Como conseguiram salvar Auda?
8. Auda seguiu com eles para Hong Kong, mas não encontrou seu parente e, por isso, prosseguiu viagem com Fogg. O que sucedeu a Passepartout?
9. Como os três se reencontraram?
10. Nos Estados Unidos, Fogg enfrentou várias situações que o atrasaram em 20 horas. Finalmente perdeu o navio que os levaria à Inglaterra. Como Fogg resolveu esse problema?



11. Já na Inglaterra, Fix aproximou-se de Fogg com o mandato de captura. Embora inocente, Fogg ficou preso até que Fix percebeu seu erro. Como chegaram a Londres?
12. Derrotado, Phileas trancou-se em seu quarto e só saiu dele para pedir Auda em casamento. Quando todos acreditavam que Fogg tivesse perdido a aposta, ele entra vitorioso no Reform Club. Como isso foi possível?



Phileas Fogg saiu de Londres; passou por Paris, capital da França; seguiu rumo a Brindisi, no sul da Itália; atravessou o Canal de Suez; prosseguiu viagem em direção a Bombaim e depois Calcutá, ambas na Índia. Daí foi para Hong Kong, no sul da China e depois para Iokoama, no Japão. Do Japão partiu para São Francisco e Nova Iorque, nos Estados Unidos e completou a volta ao mundo, chegando a Londres.